

## Os corredores energéticos do Mar Cáspio

Gina Soares ■ IEEI

Desde o início da década de 90 que o consumo de recursos energéticos tem vindo a aumentar de forma significativa. Com o forte crescimento económico de potências como a China e a Índia, a Agência Internacional de Energia prevê que a procura mundial de energia aumente mais de 50% até 2030<sup>1</sup>. Numa altura em que existem cada vez mais consumidores e menos recursos, a segurança energética tornou-se uma prioridade nacional para a maioria dos Estados, impulsionando a exploração de novas fontes e a construção de corredores de transporte alternativos. Neste contexto, a região do Mar Cáspio exerce um forte poder de atracção, não só pelas suas reservas de hidrocarbonetos, mas também pela sua posição central em grandes fluxos energéticos que fomentam a competição entre as principais potências internacionais.

Em 2007, a Agência de Informação Energética dos EUA avaliou as reservas comprovadas de petróleo no Mar Cáspio entre os 17 e os 49 mil milhões de barris, enquanto as reservas comprovadas de gás natural foram estimadas em 232 triliões de pés cúbicos<sup>2</sup>. Mesmo que inferiores em comparação com grandes regiões produtivas como o Golfo Pérsico – com 728 mil milhões de barris de petróleo – estas reservas são importantes por dois factores fundamentais: a localização e o facto de serem reservas em progressão.

Para os principais países consumidores, os recursos do Cáspio permitem reduzir a dependência em relação a regiões politicamente instáveis, como é o caso do Médio Oriente, e a corredores de transporte monopolizados por determinados actores, como acontece na maioria dos gasodutos que atravessam a Europa e que são controlados pela russa Gazprom. Para os grandes produtores da região – o Irão e, principalmente, a Rússia – o Cáspio representa uma fonte adicional de recursos para as exportações que sustentam o crescimento económico e a afirmação internacional dos países. Além disso, nas últimas décadas, está em diminuição a capacidade dos grandes blocos de exploração, como o Ghawar na Arábia Saudita e o Cantarell no México, enquanto a maioria das reservas do Cáspio está ainda numa fase inicial de extracção.

Durante o domínio soviético, a exploração e o consumo dos recursos da bacia do Cáspio estiveram sempre reservados a Moscovo. Porém, «como os soviéticos não dispunham dos meios adequados, nem da inclinação necessária para os utilizar, grande parte destes recursos acabaram por permanecer intactos»<sup>3</sup>. A partir de 1991, as principais companhias internacionais aproveitaram a desintegração da União Soviética para começar a explorar os recursos do Cáspio. Após a declaração de independência do Cazaquistão, a norte-americana Chevron foi a primeira a entrar na região, adquirindo parte do grande bloco Tengiz.

<sup>1</sup> International Energy Agency (2007), *World Energy Outlook – China and India Insights*, p. 41.

<sup>2</sup> United States Energy Information Administration (2007), "Caspian Sea", *Country Analysis Briefs*, p. 2 e p.6.

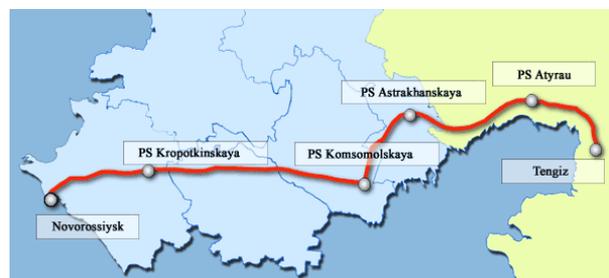
<sup>3</sup> Klare, Michael (2008), *Rising Powers, Shrinking Planet: the New Geopolitics of Energy*, p. 116.

Três anos depois, um consórcio internacional liderado pela BP assinou o que ficou conhecido como o «acordo do século», uma vez que permitiu desenvolver a produção de três grandes blocos offshore – o Azeri, o Chirag e o Guneshli (complexo AGC), a 120km da costa do Azerbaijão<sup>4</sup>. Nestas aquisições, as principais companhias energéticas têm sido apoiadas pelos respectivos governos nacionais, que procuram facilitar as negociações aumentando a ajuda económica e reforçando os contactos políticos com os novos Estados da região – Azerbaijão, Cazaquistão e Turquemenistão. Para estes países, a entrada das companhias ocidentais permite não só obter os recursos financeiros e tecnológicos necessários ao desenvolvimento do sector energético, como também enviar um sinal de autonomia à Rússia.

A posição central do Cáspio é um dos factores determinantes na competição pelo acesso aos seus recursos. A partir desta região é possível traçar *pipelines* em diversas direcções, fornecendo não só os mercados ocidentais, mas também a Rússia e os novos grandes consumidores asiáticos, entre os quais se destaca a China. Os principais corredores energéticos do Cáspio foram construídos durante o domínio soviético e atravessam o território russo. Ao contrário do petróleo, cujo transporte pode ser relativamente flexível, a dependência em relação às infra-estruturas da Rússia é maior no caso do gás natural, principalmente para os mercados europeus.

Desde o final da Guerra Fria, a produção de petróleo na região do Mar Cáspio aumentou cerca de 70%, o que se deve, em grande parte, ao desenvolvimento dos blocos do Cazaquistão e do Azerbaijão<sup>5</sup>. Em 2007, o Cazaquistão produziu 1.5 milhões de barris por dia (mb/d)<sup>6</sup> e a sua principal rota de exportação para o ocidente vai de Tengiz ao porto de Novorossiysk, situado na costa russa do Mar Negro. Este oleoduto, conhecido como Caspian Pipeline Consortium, está em funcionamento desde 2001 e tem uma extensão de 1,510 km (figura 1). Tendo em

conta que a produção russa de petróleo tem diminuído nos últimos meses e que a exploração de novos blocos será cada vez mais onerosa devido à sua localização remota e características geológicas, o Cazaquistão tornou-se um importante parceiro energético para Moscovo, principalmente desde que foi descoberto no seu território um dos maiores reservatórios de petróleo dos últimos 20 anos – o Kashagan. Ao defender a utilização de oleodutos que atravessam o seu território, a Rússia procura evitar que o petróleo do Cazaquistão seja directamente transportado para a Europa ou para a China.



**Figura 1.** Oleoduto *Caspian Pipeline Consortium*

Fonte: Caspian Pipeline Consortium, [www.cpc.ru/portal/alias!press/lang!en-US/tabID!3357/DesktopDefault.aspx](http://www.cpc.ru/portal/alias!press/lang!en-US/tabID!3357/DesktopDefault.aspx)

### A pressão do ocidente

No Azerbaijão, a entrada das grandes companhias energéticas permitiu desenvolver o sector petrolífero do país e criar a primeira rota de transporte alternativa para os mercados ocidentais. Desde 1997, a produção de petróleo do Azerbaijão tem aumentado cerca de 10% por ano, ultrapassando os 860 mil barris por dia em 2007<sup>7</sup>. O petróleo é maioritariamente extraído do complexo AGC e exportado através do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC, figura 2). Em funcionamento desde 2006, e com uma extensão de 1,768 km, este oleoduto tem capacidade para transportar um milhão de barris de petróleo por dia. O consórcio de exploração é liderado pela BP em parceria com petrolíferas dos EUA (Chevron, ConocoPhillips, Hess Corporation), do Azerbaijão (SOCAR), da Noruega (StatoilHydro), da Turquia (TPAO), da Itália (Eni/Agip), da França (Total) e do Japão (Itochu, Inpex).

<sup>4</sup> Klare, Michael, *op. cit.*, p. 120.

<sup>5</sup> United States Energy Information Administration, *op. cit.*, p.3.

<sup>6</sup> British Petroleum (2008), *Statistical Review of World Energy 2007*, p. 8.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*



**Figura 2.** Oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan

Fonte: British Petroleum, [www.bp.com/liveassets/bp\\_internet/bp\\_caspian/bp\\_caspian\\_en/STAGING/local\\_assets/downloads\\_pdfs/xyz/BTC\\_English\\_ESIAs\\_Executive\\_Summary\\_Azerbaijan\\_Content\\_Az\\_ESIA\\_Section\\_01.pdf](http://www.bp.com/liveassets/bp_internet/bp_caspian/bp_caspian_en/STAGING/local_assets/downloads_pdfs/xyz/BTC_English_ESIAs_Executive_Summary_Azerbaijan_Content_Az_ESIA_Section_01.pdf)

Para além de ligar directamente o Cáspio ao Mediterrâneo, contornando o já congestionado estreito de Bósforo, uma das principais características do oleoduto é excluir a participação de qualquer companhia russa. A administração Clinton foi a principal dinamizadora deste projecto. Segundo Michael Klare, os objectivos de Washington consistiam em «diminuir o papel da Rússia no transporte de gás e petróleo, excluir o Irão de participar no desenvolvimento dos recursos energéticos do Cáspio e alargar a presença norte-americana na região»<sup>8</sup>. Para diversos analistas do Central Asia-Caucasus Institute, este oleoduto é um «cordão umbilical» que liga o futuro do Azerbaijão e da Geórgia à Europa<sup>9</sup>. Através dele, a Geórgia pretende reforçar a sua aproximação ao ocidente, enquanto o Azerbaijão procura desenvolver a sua capacidade produtiva e afirmar-se como um sério competidor em novos projectos energéticos.

Em Agosto de 2008, ataques de separatistas curdos e bombardeamentos russos no confronto com a Geórgia pelas províncias separatistas da Abkházia e da Ossétia do Sul obrigaram a BP a interromper o funcionamento do oleoduto. Ainda que para o ocidente esta rota possa figurar como mais segura em relação à pressão russa e à hostilidade do Irão,

importa considerar que ela atravessa três países com problemas separatistas que podem originar novos cortes de abastecimento. Para além disso, a Rússia conseguiu estabelecer a sua presença militar em território georgiano e está agora mais próxima do único oleoduto da região que escapa ao seu controlo.

De certa forma, o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan inaugura uma nova fase na exploração dos recursos do Cáspio. A sua construção impulsionou o lançamento de novos projectos e contribuiu para acelerar as negociações daqueles que já estavam em curso.

Com o objectivo de alargar a sua presença na região, os EUA sugeriram a construção de um gasoduto – Trans-Caspian – que atravessasse o Mar Cáspio entre Baku, no Azerbaijão e Turkmenbasy, no Turquemenistão (figura 3).



**Figura 3.** Gasoduto Trans-Caspian

Fonte: East European Gas Analysis, [www.eegas.com/nabucco.htm](http://www.eegas.com/nabucco.htm)

O objectivo deste plano, fortemente apoiado pela União Europeia, é transportar gás natural do Cazaquistão e do Turquemenistão para o ocidente, sem depender de nenhuma infra-estrutura russa e aproveitando as que já foram construídas no Azerbaijão, na Geórgia e na Turquia. Depois de Baku, o gasoduto Trans-Caspian será ligado a um outro já existente – South Caucasus Pipeline – e que praticamente segue a rota do oleoduto BTC, embora termine em Erzurum e não em Ceyhan.

<sup>8</sup> Klare, Michael, *op. cit.*, p. 125.

<sup>9</sup> Cornell, Svante *et al* (2005), "Geostrategic Implications of the Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline" in Cornell, Svante & Starr, Frederick (ed.), *The Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline: Oil Window to the West*, p. 17.

A Rússia e o Irão, que são os principais exportadores do gás natural do Turquemenistão, opõem-se veementemente a este gasoduto, argumentando que o seu impacto ambiental será desastroso.

Para além disso, outro dos obstáculos ao Trans-Caspian é a falta de entendimento em relação à divisão do Mar Cáspio. Enquanto a Rússia, o Cazaquistão, o Azerbaijão e o Turquemenistão defendem uma divisão dos recursos proporcional às linhas de costa de cada país, o Irão, que seria o Estado com menor área de exploração segundo aquela proposta, pretende uma repartição igualitária entre os cinco países<sup>10</sup>. Devido a este desentendimento, as negociações multilaterais têm fracassado sucessivamente.

Mas o projecto mais ambicioso da região é o pipeline Nabucco que foi desenhado para reduzir a dependência da Europa em relação ao gás russo (figura 4).



**Figura 4.** Gasoduto Nabucco

Fonte: Nabucco Gas Pipeline International GmbH, [www.nabucco-pipeline.com/project/project-description-pipeline-route/project-description.html](http://www.nabucco-pipeline.com/project/project-description-pipeline-route/project-description.html)

Com uma extensão de 3,300 km e um custo aproximado de 7.9 mil milhões de euros, transportará gás natural dos blocos offshore do Mar Cáspio até Baumgarten, na Áustria, atravessando a Turquia, a Bulgária, a Roménia e a Hungria. Quando

estiver completamente operacional poderá transportar anualmente 31 mil milhões de metros cúbicos de gás natural. O início da construção está previsto para 2010 e ficará a cargo de seis companhias: a OMV da Áustria, a MOL da Hungria, a Transgaz da Roménia, a Bulgargaz da Bulgária, a BOTAS da Turquia e a RWE da Alemanha. Todavia, as consequências do conflito entre a Geórgia e a Rússia podem obrigar ao adiamento desta data.

Com a instalação da Rússia nas proximidades da rota traçada, a concretização de novos projectos que não incluam a sua participação pode ser cada vez mais difícil, embora se torne também mais necessária. Em Setembro de 2008, numa conferência que decorreu em Baku, os ministros da Energia do Azerbaijão e da Turquia reafirmaram o seu compromisso com o gasoduto Nabucco. O representante dos Estados Unidos para a União Europeia, também presente na conferência, afirmou que, para além de fomentar a cooperação, «a criação de novos corredores de exportação contribui para assegurar a independência e o crescimento económico dos Estados da região»<sup>11</sup>.

Todavia, ao problema da vulnerabilidade política acresce ainda a questão da viabilidade comercial do gasoduto. Apesar da descoberta do bloco Shah Deniz, o Azerbaijão não tem capacidade suficiente para manter, por si só, o funcionamento deste gasoduto. A solução será importar gás natural de outros países como o Cazaquistão, o Irão e, principalmente, o Turquemenistão que é o terceiro grande produtor da região da Ásia Central.

Durante a última década, o Turquemenistão tem procurado fornecer múltiplas rotas de exportação com o objectivo de aumentar as receitas do sector energético e de reduzir a dependência em relação à Rússia, que exerce uma pressão contínua para se manter como o seu principal cliente de gás natural. Para a União Europeia é fundamental assegurar o compromisso do Turquemenistão em relação ao gasoduto Nabucco, procurando evitar, com a ajuda dos EUA, que o país construa novos pipelines em direcção ao Irão ou que aumente os abastecimentos à China. Em Abril de 2008, o Presidente do Turquemenistão, Gurbanguly

<sup>10</sup> Winstone, Ruth & Young, Ross (March 2005) "The Caspian Basin, Energy Reserves and Potential Conflicts", *House of Commons Library*, Research Paper 05/24, pp. 10.

<sup>11</sup> Pannier, Bruce (2008), "Nabucco Gets a Boost in Baku", *Eurasianet*.

Berdymukhammedov, comprometeu-se a exportar, até 2009, cerca de 10 mil milhões de metros cúbicos de gás natural para os mercados europeus. Contudo, existem algumas dúvidas de que esta meta seja atingida, não só devido à pressão da Rússia, mas principalmente devido à ausência de pipelines, como o Trans-Caspian, que permitam o transporte directo deste recurso.

### A reacção de Moscovo

Ao conjunto destes projectos, a Rússia tem respondido com duas estratégias principais. A primeira consiste em tornar-se um cliente mais atractivo para os Estados da região, oferecendo preços cada vez mais elevados pelos recursos energéticos. Em 2005, a Rússia pagava ao Turquemenistão 44 dólares por mil metros cúbicos de gás natural; em 2007 o valor subiu para os 100 dólares e até ao final de 2008 prevê-se que alcance os 150 dólares<sup>12</sup>. Em segundo lugar, Moscovo procura não só construir novos pipelines, como também revitalizar e expandir os que já existem.

Actualmente, o grande projecto da Gazprom é o gasoduto South Stream que será construído em parceria com a italiana Eni, ausente do projecto Nabucco. Este gasoduto atravessará o Mar Negro até à costa da Bulgária e, a partir daí, estão em discussão dois trajectos possíveis: para norte através da Sérvia e da Hungria até à Áustria, ou para sul, pela Grécia até à Itália (figura 5). O South Stream foi desenhado para transportar 30 mil milhões de metros cúbicos de gás natural por ano.



**Figura 5.** Gasoduto *South Stream*

Fonte: ENI, [www.eni.it/en\\_IT/attachments/media/press-release/2007/06/Pres\\_Stampa\\_South\\_Stream\\_ENG.pdf](http://www.eni.it/en_IT/attachments/media/press-release/2007/06/Pres_Stampa_South_Stream_ENG.pdf)

<sup>12</sup> Perovic, Jeronim (2008) "Russian Energy Power Abroad", *Russian Analytical Digest*, Nº. 33/08, p. 4.

Para a Rússia, este gasoduto permite entrar nos mercados do sul da Europa contornando os seus tradicionais países de trânsito, como a Bielorrússia e a Ucrânia, que têm mantido divergências com Moscovo em relação ao preço do gás natural. Vladimir Socor, do *Eurasia Daily Monitor*, afirma que a construção de novos pipelines permitirá alterar a direcção das exportações russas, favorecendo um determinado país ou região de acordo com os objectivos de Moscovo<sup>13</sup>.

No entanto, o sector energético da Rússia tem apresentado algumas dificuldades relacionadas com a localização remota dos novos blocos de exploração e com a restrição ao investimento estrangeiro. Num artigo de análise publicado pelo *Russian Analytical Digest*, Jeronim Perovic e Robert Orttung explicam o simples princípio da Gazprom: «o gás não será produzido enquanto não for vendido. Em primeiro lugar, a empresa procura criar laços de dependência construindo rotas de exportação e celebrando acordos de longo-prazo, e só posteriormente se preocupa em abastecer os pipelines»<sup>14</sup>. Por conseguinte, e tendo em conta que a Rússia tem um número cada vez maior de clientes, não só a ocidente mas também nos mercados orientais, a sua capacidade de preencher os gasodutos que planeia construir depende, em boa parte, dos recursos adicionais que conseguir obter na região do Mar Cáspio.

Neste sentido, em Dezembro de 2007, a Rússia assinou um acordo com a KazMunaiGaz e a TurkmenGaz que prevê a construção de um gasoduto ao longo das costas litorais do Cazaquistão e do Turquemenistão. Com cerca de 1,700 km, o gasoduto Pre-Caspian será ligado ao principal sistema de distribuição da Rússia na região da Ásia Central – o Central Asia-Center pipeline que foi construído durante o período soviético (figura 6). Durante a assinatura do acordo, Putin afirmou que o novo gasoduto «constitui um importante contributo para a segurança energética da Europa»<sup>15</sup>, subentendendo que essa

<sup>13</sup> Socor, Vladimir (2007), "South Stream: Gazprom's New Mega Project", *Eurasia Daily Monitor*.

<sup>14</sup> Perovic, Jeronim & Orttung, Robert (2007), "Russia's Energy Policy: Should Europe Worry?", *Russian Analytical Digest*, Nº. 18/07, p. 4.

<sup>15</sup> Vladimir Putin *cit in* Dempsey, Judy (2007), "Russia Signs Deal for Gas Pipeline Along Caspian Sea", *The New York Times*, [www.nytimes.com/2007/12/21/business/worldbusiness/21pipeline.html](http://www.nytimes.com/2007/12/21/business/worldbusiness/21pipeline.html)

segurança passa necessariamente pela ligação com a Rússia.



**Figura 6.** Gasodutos *Pre-Caspian* e *Central Asia-Center*

Fonte: Gazprom, [www.gazprom.com/eng/articles/article29535.shtml](http://www.gazprom.com/eng/articles/article29535.shtml)

### Em direcção ao oriente

Os corredores energéticos do Cáspio são igualmente determinados pela expansão dos mercados asiáticos, em particular pelo acelerado crescimento económico da China.

De acordo com as previsões da Agência Internacional de Energia, em 2010, a China ultrapassará os Estados Unidos como principal consumidor mundial de energia<sup>16</sup> – um factor que, aliado à proximidade geográfica em relação ao Cáspio, poderá influenciar o traçado de futuras rotas.

Desde o início da década de 90, a China tem procurado reforçar a sua posição na Ásia Central fomentando a cooperação política, económica e militar com os Estados da região. No domínio da energia, Pequim tem centrado os seus esforços no Cazaquistão, celebrando acordos que estabelecem não só a construção de oleodutos, mas também a aquisição de blocos petrolíferos e de participações em companhias nacionais<sup>17</sup>. No fundo, esta estratégia, igualmente adoptada por outros Estados, reflecte as principais modificações do sistema internacional e, em particular, dos mercados energéticos. O exponencial aumento da procura de recursos e o receio da sua exaustão ou de novos cortes no

abastecimento transformaram a própria natureza da diversificação energética. Actualmente, para além de evitar a dependência em relação a um determinado produtor ou região, os Estados procuram cada vez mais obter o acesso directo aos recursos de forma a aumentarem a sua segurança energética e a garantirem a rentabilidade dos investimentos em infra-estruturas de transporte.

No Cazaquistão, a China National Petroleum Corporation adquiriu participações em duas companhias energéticas e em 5 blocos petrolíferos. Em 2005 comprou a totalidade da PetroKazakhstan – a segunda maior produtora de petróleo do país – embora o Ministério da Energia do Cazaquistão tenha obrigado a empresa chinesa a ceder 33% à KazMunaiGas. No mesmo ano ficou completa a segunda fase de construção do oleoduto que liga Atyrau, no Cazaquistão, a Alashankou, no Xinjiang (figura 7). Com uma extensão de 2.172 km, o pipeline inclui três fases de construção e deverá estar totalmente concluído no final de 2009. Para além de constituir uma fonte directa e adicional de petróleo em relação às importações da Rússia e do Médio Oriente, este oleoduto é particularmente importante para promover o crescimento económico do Xinjiang e, consequentemente, a sua estabilidade interna.



**Figura 7.** Oleoduto Cazaquistão – China

Fonte: Stratfor, [www.stratfor.com/memberships/106573/analysis/china\\_kazakhstan\\_pipelines\\_and\\_balance\\_power](http://www.stratfor.com/memberships/106573/analysis/china_kazakhstan_pipelines_and_balance_power)

<sup>16</sup> International Energy Agency, *op. cit.*, p. 44.

<sup>17</sup> Klare, Michael, *op. Cit.*, p. 135.

Apesar da maioria dos pipelines estarem dirigidos para a Rússia, para a União Europeia ou para a China, existem outros actores que procuram afirmar-se na região do Cáspio, como é o caso da Índia, do Paquistão e, principalmente, do Irão que planeia construir novos oleodutos e refinarias como parte da sua estratégia de afirmação regional. No entanto, devido à tensão em torno do programa nuclear iraniano, às sanções aplicadas pelos EUA e à instabilidade provocada pela situação do Afeganistão, a construção de novos pipelines para o sul do Cáspio é praticamente impossível. Aliás, a conjugação destes três factores acaba por favorecer o investimento estrangeiro no Azerbaijão, na Turquia e noutros países a sul da Europa que desempenham um papel cada vez mais importante na segurança energética da UE.

Tendo em conta que os recursos energéticos são actualmente considerados como fontes de poder, a competição pelo seu acesso permitiu a revalorização da região do Mar Cáspio, contribuindo não só para a alteração do mapa energético, mas também para a sua reconfiguração estratégica. Desta forma, a construção de novas rotas de transporte serve dois objectivos principais: contribuir para assegurar uma oferta diversificada e directa de recursos energéticos e permitir o reforço da presença política e estratégica numa região que historicamente tem estado ao

serviço dos interesses russos. Neste sentido, os Estados têm desempenhado um papel cada vez mais activo na construção dos corredores energéticos, agindo directamente através de companhias públicas, como é o caso da China e da Rússia, ou apoiando as negociações das suas empresas privadas, como acontece com os EUA e com os principais consumidores da União Europeia.

Segundo alguns analistas, a competição energética pode agravar as desconfianças e tensões existentes entre alguns Estados, o que seria particularmente grave se tivermos em conta que existe um reforço da militarização na região do Cáspio devido a disputas geopolíticas e à utilização de armas como moeda de troca pelo acesso aos recursos. No entanto, importa também considerar que os próprios investimentos já realizados acabam por funcionar, em boa parte, como dissuasores de comportamentos mais agressivos. A plena utilização dos pipelines garante a rentabilização dos investimentos e isso só se torna possível num quadro de estabilidade política e económica cuja promoção interessa a todos os intervenientes.



Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais  
Largo de S. Sebastião, 8  
1600-762 Lisboa  
Telefone +351 21 030 67 00  
Fax +351 21 759 39 83  
Email [ieei@ieei.pt](mailto:ieei@ieei.pt)

## Para saber mais

### Bibliografia

British Petroleum (2008), *Statistical Review of World Energy 2007*,  
[www.bp.com/productlanding.do?categoryId=6929&contentId=7044622](http://www.bp.com/productlanding.do?categoryId=6929&contentId=7044622)

Cornell, Svante *et al* (2005), "Geostrategic Implications of the Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline" in Cornell, Svante & Starr, Frederick (ed.), *The Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline: Oil Window to the West*, pp. 17-38. Washington, D.C.: Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program

Dempsey, Judy (2007), "Russia Signs Deal for Gas Pipeline along Caspian Sea", *The New York Times*,  
[www.nytimes.com/2007/12/21/business/worldbusiness/21pipeline.html](http://www.nytimes.com/2007/12/21/business/worldbusiness/21pipeline.html)

Grigoriadis, Ioannis (July/2008), "Natural Gas Corridors in Southeastern Europe and European Energy Security", *ELIAMEP Thesis*, Nº. 2/2008, pp. 1-4,  
[www.eliamep.gr/en/publications/eliamep-thesis-no2/](http://www.eliamep.gr/en/publications/eliamep-thesis-no2/)

International Energy Agency (2007), "China and India Insights", *World Energy Outlook 2007*, pp. 41-52,  
[www.iea.org/Textbase/npsum/WEO2007SUM.pdf](http://www.iea.org/Textbase/npsum/WEO2007SUM.pdf)

Klare, Michael (2008), *Rising Powers, Shrinking Planet: the New Geopolitics of Energy*. New York: Metropolitan Books

Pannier, Bruce (2008), "Nabucco Gets a Boost in Baku", *Eurasianet*,  
[www.eurasianet.org/departments/insight/articles/pp091008.shtml](http://www.eurasianet.org/departments/insight/articles/pp091008.shtml)

Perovic, Jeronim & Orttung, Robert (2007), "Russia's Energy Policy: Should Europe Worry?", *Russian Analytical Digest*, Nº. 18/07, pp. 2-7

Perovic, Jeronim (2008) "Russian Energy Power Abroad", *Russian Analytical Digest*, Nº. 33/08, pp. 2-5

Socor, Vladimir (2007), "South Stream: Gazprom's New Mega Project", *Eurasia Daily Monitor*,  
[www.jamestown.org/edm/article.php?article\\_id=2372249](http://www.jamestown.org/edm/article.php?article_id=2372249)

United States Energy Information Administration (2007), "Caspian Sea", *Country Analysis Briefs*,  
[www.eia.doe.gov/emeu/cabs/Caspian/pdf.pdf](http://www.eia.doe.gov/emeu/cabs/Caspian/pdf.pdf)

Winstone, Ruth & Young, Ross (March 2005) "The Caspian Basin, Energy Reserves and Potential Conflicts", *House of Commons Library*, Research Paper 05/24, pp. 1-42,  
[www.parliament.uk/commons/lib/research/rp2005/rp05-024.pdf](http://www.parliament.uk/commons/lib/research/rp2005/rp05-024.pdf)